

---

## OS DESAFIOS DE ENSINAR COM ENTUSIASMO NA PANDEMIA

Eloiza Dias Neves<sup>1</sup>

### Resumo:

O texto apresenta uma experiência docente na universidade durante a pandemia do coronavírus, diante da necessidade de se conhecer melhor os saberes desenvolvidos pelos professores, como condição básica para o fortalecimento da universidade pública. Os saberes construídos e mobilizados por uma professora associada, com mais de 30 anos de carreira, que promoveu efetivamente o processo de ensino-aprendizagem, durante os anos 2020-2021, em que pesem todos os empecilhos, foram o objeto deste estudo. A investigação objetivou compreender quais/como saberes profissionais foram construídos/mobilizados para a construção e manutenção de “comunidades engajadas de aprendizagem”, a partir do momento em que as salas de aula se transformaram em plataformas digitais. A observação participante configurou-se no acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem (planejamento, execução e avaliação) e na orientação de quatro monitores da disciplina. Os saberes da experiência foram a grande mola do trabalho de acompanhar e envolver o outro na sua produção de conhecimento.

**Palavras-chave:** Comunidade de Aprendizagem; Docentes; Estudo de Caso; Pandemia; Relação com o Saber.



Recebido em: 13/03/2023

Aceito em: 06/05/2023

Publicado em: 30/06/2023

---

<sup>1</sup> Departamento Fundamentos de Ciências da Sociedade - SFC, Universidade Federal Fluminense

## Introdução

Conhecer mais e melhor os saberes desenvolvidos pelos professores é condição básica para o fortalecimento da universidade pública. Entre 2020 e 2021, uma professora associada teve de reinventar sua prática de trinta e seis anos em salas de aula, em escolas/universidades públicas e privadas, com estudantes ouvintes e surdos. Tratava-se de promover o processo de ensino-aprendizagem apenas em plataformas digitais, enquanto o mundo assistia à disseminação de um vírus mortal apenas para seres humanos. E, diante do desafio de ter a sala de aula entrando em casa e invadindo as alheias, algumas respostas consistentes tiveram de ser construídas.

Para a docente desse estudo de caso, ensinar sempre foi tido como um ato de resistência que se contrapunha ao tédio e à apatia de alguns espaços acadêmicos. O propósito daquela docência consistia em despertar o entusiasmo e construir comunidades engajadas de aprendizagem, nos moldes de bell hooks (2013), que toma a sala de aula como o espaço do prazer e da alegria, dois sentimentos cada vez mais difíceis de serem cultivados, em encontros virtuais, ainda mais naquele tempo de horror, medo e morte.

Como promover o processo de ensino-aprendizagem em espaço coletivo, mas dentro das casas de cada sujeito? Quais saberes docentes tiveram de ser mobilizados e construídos, a partir do momento em que a sala de aula se transformou em uma plataforma digital? Será que se tratava de novas competências e habilidades? Para Tardif (2004), saberes docentes são desempenhos e capacidades sociais e culturais, produzidos pela imersão dos sujeitos nos diversos mundos socializados (famílias, grupos, amigos, escolas etc), nos quais eles constroem, em interação com os outros, sua identidade pessoal e social (Tardif, 2004, p.71). Tais conhecimentos, competências, talentos, crenças e valores, interiorizados pela convivência inicial, estruturam não somente a personalidade, mas também as relações com as pessoas, e são re-atualizados e reutilizados na prática do ofício docente.

Conhecer melhor alguns desses saberes, naquele novo espaço-tempo, de uma docência que toma a formação de professores autônomos por finalidade de seu trabalho, capazes de desenvolver práticas pedagógicas engajadas com rupturas disciplinares e com uma educação pública democrática e de qualidade, foi o objetivo dessa investigação.

A investigação acompanhou a experiência da docente com treze turmas de licenciandos em História, Geografia e Ciências Sociais, da Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes, em 2020 e 2021, junto com quatro monitores da disciplina Didática.

O texto compõe-se da maneira como a docência alinhada a uma educação transformadora foi desenvolvida, assim como de saberes profissionais construídos e/ou mobilizados pela professora. Ademais, será apresentada a metodologia de observação e análise do trabalho, feito junto com os monitores da disciplina.

### **Desenvolvimento**

Frente ao objetivo de construir comunidades engajadas de aprendizagem (hooks, 2013), uma primeira investigação, seguida de ação, buscou responder quais seriam os saberes docentes necessários a uma prática inclusiva, a que todos os sujeitos tivessem acesso e se sentissem “participantes entusiasmados”, característica elementar de uma comunidade pedagógica que tem como finalidade a formação de sujeitos autônomos. Assim, sempre foi claro que a presença dos sujeitos envolvidos, jovens e adultos licenciandos, era condição fundamental e desafiadora, diante de câmeras que podiam ser desligadas a qualquer momento, conexões precárias de internet e estudantes que muitas vezes trabalhavam durante as aulas, por falta de condições econômicas adequadas.

Levando-se em conta essa situação, algumas estratégias metodológicas foram sendo criadas, tanto no exercício da docência, como na sua observação e análise. Neste caso, as aulas eram gravadas e o processo de ensino-aprendizagem foi sendo atualizado, semanalmente, quando pequenos projetos de pesquisa em docência foram construídos junto com os monitores. Estes traziam seus questionamentos surgidos em sala para as supervisões com a professora, momentos em que 1) o processo era avaliado; 2) o planejamento dos próximos passos era feito, com os necessários ajustes; 3) (re)definição das perguntas da investigação iam acontecendo.

Duas linhas de investigação dos monitores ajudaram a entender os desafios de se trabalhar com entusiasmo e engajamento: um primeiro estudo buscava delinear algumas bases estruturantes da construção e da manutenção da comunidade engajada de aprendizagem, aos moldes de bell hooks; a segunda queria mapear estratégias de motivação utilizadas pela professora para garantir uma mínima relação com o saber/aprender (Charlot, 2000, 2021), dessa maneira.

No próximo segmento, além dessas investigações dos monitores, alguns saberes disciplinares e pedagógicos construídos pela docente, naquele novo espaço e tempo, serão discutidos.

## Resultados e Discussão

Os desafios iniciais experimentados diziam respeito à falta de conhecimento da docente sobre a plataforma e como atuar on-line, mas eles foram sendo vencidos já em abril de 2020, quando reuniões semanais com seu grupo de estudo e pesquisa foram retomadas e alguns cursos sobre como trabalhar on-line foram realizados (preparação de videoaula, uso das mídias, como Instagram, para o período da “febre das lives”, por exemplo).

Vale lembrar que todas as mudanças empreendidas na docência tinham como pano de fundo a tarefa primordial de fomentar a participação dos sujeitos no processo de ensino-aprendizagem. Por isso, diversos métodos e modalidades de estudo foram sendo criados, para fazer com que os estudantes entrassem em atividade intelectual, atividade básica da relação com o saber/aprender (Charlot, 2000 e 2020) e da aprendizagem. A professora sabia que um ensino efetivo, além da entrada em atividade intelectual, requer que os estudantes consigam ver sentido no objeto de estudo e ter alguma forma de prazer. Ela também sabia que uma professora ganha poder através das interações estabelecidas com seus alunos, reconhecidos como sujeitos, chamados pelos seus nomes, e convocados à participação.

Em consonância com essas ideias, no tempo síncrono, semanal, as aulas expositivas passaram a ser “aulas essenciais” (Almeida, 2020) e tinham como objetivo maior a troca de conhecimentos produzidos, desde o tira-dúvidas inicial até a reflexão mais aprofundada. A abertura das câmeras era estimulada e, depois, cobrada, como uma forma de valorizar as presenças na “comunidade engajada”, sendo que a avaliação formativa (Zabala, 1998) previa uma nota por essa presença/participação. Depois, foram propostas atividades em pares e grupos, que tomavam um enorme tempo de preparação prévia e execução, mas que se mostraram muito produtivas e essenciais para a promoção da interação entre os sujeitos da aprendizagem, igualmente importante e difícil em espaços virtuais.

Pensando ainda na interação, a proposta da monitoria criou o “Espaço do Chiquinho”, homenagem à cantina da UFF-Campos, justamente pelo significado: o “Chiquinho” não é apenas um lugar para comer, mas onde ocorre a “sociabilidade pura”, quando a interação se dá entre iguais (Simmel, 2016). Muito interessantes e frutuosos em termos de engajamento foram esses encontros semanais, sem a presença da professora, mas com acompanhamento e rigor no planejamento das propostas pedagógicas e de sua avaliação.

No tempo assíncrono, videoaulas/podcasts com os conteúdos foram criados, estudos de caso de filmes foram realizados, leituras seguidas de fichamento/resumo foram solicitadas, postagem no Instagram ou portfólio. Toda semana havia alguma atividade proposta, como forma explícita de manter o vigor da continuidade na aprendizagem naquele contexto.

Assim, a construção de uma “comunidade engajada” no processo de ensino-aprendizagem remoto foi possível (e necessária) naquele tempo de um “ensino remoto que tentou resolver o desastre da ausência de ensino” (Charlot, 2020), quando se entende que a construção do conhecimento deve envolver animosamente os sujeitos envolvidos no processo. Durante o processo desse estudo houve variações e declínio no engajamento de alguns estudantes, mas, ainda assim, a comunidade estabelecida manteve-se engajada até o final dos períodos letivos.

Uma última observação merece ser feita e diz respeito à presença de estudantes com necessidades especiais, nomeadamente com surdez, cegueira e dislexia. Como a proposta de ensino já era fundamentalmente inclusiva, todos foram convocados a participar, como os demais. No caso do estudante que fazia leitura labial, o material era enviado para aprovação prévia, o mesmo acontecendo com a estudante disléxica. A aluna cega, no seu terceiro período remoto e a quem nunca tinha sido apresentada a sala de aula virtual, demandou atenção extra e vários atendimentos individuais foram necessários, para que ela conseguisse entender a proposta do processo e poder fazer parte dele efetivamente.

## **Conclusão**

Essa é uma das tragédias da educação hoje em dia. “Um monte de gente não reconhece que ser professor é estar com as pessoas” (hooks, 2013, p.222). As lições mais importantes da pandemia do coronavírus enfatizam a relevância dos docentes e a necessidade de construção de ambientes educacionais inovadores, capazes de propiciar um processo de ensino-aprendizagem de interação, de participação, de presença efetiva dos envolvidos. O trabalho exposto pela docente foi influenciado por aquilo que seus estudantes expressavam e faziam durante os encontros síncronos ou não, num entendimento nítido de como partilhar junto o conhecimento. Foi possível entender que, para essa professora, as novas tecnologias não são as soluções para os problemas educacionais, ainda que elas possam potencializar, facilitar e ajudar no processo de ensino aprendizagem.

Mesmo reconhecendo que vários saberes disciplinares, pedagógicos e curriculares foram de grande valia naquele inédito tempo-espço, esses conhecimentos usados na sala

de aula virtual ou em reuniões on-line foram sendo construídos, o que faz pensar que os saberes experienciais (Tardif, 2004) continuam sendo a grande mola do trabalho docente, que tem como foco estar junto e envolver o outro em seu processo de construção de conhecimento.

A crise atual da saúde deixou claro que o potencial de resposta está mais na/os professores/ras que em políticas ou instituições, principalmente na assunção de uma (auto)formação eternamente continuada, que a universidade pode (e deve) acompanhar.

A construção de uma docência entusiasmada, com base numa pedagogia engajada, demanda o propósito de se criar *junto com* os estudantes. Por isso, fica aqui a epígrafe usada pela docente no plano de curso da disciplina:

Conta-me e eu vou esquecer;  
Mostra-me e eu vou lembrar;  
Envolve-me e eu vou entender.  
Confúcio (Ásia Oriental, 551-479 A.C.)

## Referências

ALMEIDA, F. José. Aula Essencial. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uYDOR6dN71E>>. Acesso em: 05 de abr. 2020.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

CHARLOT, Bernard. Os Fundamentos Antropológicos de uma Teoria da Relação com o Saber. In: Revista Internacional Educon | ISSN 2675-672 Volume 2, n. 1, e21021001, jan./mar. 2021. <https://doi.org/10.47764/e21021001>.

hooks, bell. Ensinando a Transgredir. São Paulo: Martins Fontes, 2013, p.173-222.

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

TARDIF, Maurice. Saberes Docentes e Formação Profissional. Petrópolis, Vozes, 2004, cap.1.

ZABALLA, A. A Prática Educativa: como ensinar. Porto Alegre: ARTMED, 1998, capítulo 8.